

O SAPO

Semanario litterario e humoristico

REDACTORES: DIVERSOS

ANNO II

Redacção
RUA 15 DE NOVEMBRO, 51

Curitiba, 19 de Fevereiro de 1899

Assignaturas
TRIMESTRE 3\$000
Pagamento adiantado

Nr. 8



A agua

Nua como uma comedia da Escola do Bom Senso, mas sem nenhuma comparação possivel, infinitamente mais bella Jacintha Margarida, com os fulvos cabellos desenrolados, está deitada na sua ampla tina de porphiro rubro e de bordas curvas, que pertencia, segundo se diz, a uma graciosa Poppea, e que o seu amante, o conde Renato de Lenfroi, lhe trouxe de Capri, onde foi achada em casa de uns vinheiros.

A formosa rapariga espaneja-se numa agua transparente e limpida—porque em Paris, em se tendo muito dinheiro, tem-se tudo, até mesmo, em rigor, agua pura!—saboreia-lhe delicadamente a frescura tepida, que penetra por todos os poros da sua pelle, e admira aquella onda palpitante que a balouça e que a envolve como num ligeiro véo.

Mas, em compensação, a agua admira ainda mais o joven corpo sem macula que se lhe entregou, e é com amor que ella afaga o pescoço flexivel, o peito branco, os braços heroicos, os seios juvenis de roseos botões, o ventre polido e direito como o de uma virgem, o tronco arrojado, as pernas de caçadora, os pés de unhas transparentes.

E quando a loura Jacintha levanta meio corpo e quer chamar Marietta para a tirar do banho, a agua estremece como si nella mergulhassem um ferro em braza, e, numa effervescencia de tedio e de saudade, murmura indistinctamente, com voz debil:

—«Ainda não!»

THEODORO DE BANVILLE

Farpas

Os leitores sabem que, a 9 de fevereiro fluente, o gentilissimo «Gremio das Violetas» realiso, nos salões do Club Coritibano, um grande baile á fantasia.

Falando em estylo engrossatorio—ali via-se a elite, a nata da sociedade coritibana. Se se viam pessoas que não fossem do escol social, lá isso não sei.

O que sei é que,—apurando ainda aquelle estylo, que a ninguem melindra (porque eu não creio na existencia de tal casta de gente que se offende com elogios; eu não creio nessas susceptibilidades).

Sei é que a digna Directoria do Gremio foi incançavel em prodigalisar aos convidados os mais doces prazeres, e em proporcionar-lhes uma noite cheia, como vulgarmente se diz.

E, de feito:

*Foi uma noite de encantos.
Uma noite de prazeres:
Fiam crianças, meninos,
Fiam homens e mulheres...*

Só não ria o Benjamim... Quem diria?... Fui surprehendel-o, lá a um canto, meditando e grave.

Que tinha? Indaguei: o Benjamim era um tumulto, mudo e austero; nem uma palavra se lhe arrancava.

Ah! eu creio poder applicar ao adoravel trioletista aquillo que alguem dissera do bonissimo Lucidio:

*«Talvez erre dizendo-o,—mas aposto
Que o que faz sua dor é o amor...frustrado...»*

Mas agora reparo: estou fazendo papel de abelhudo, e esse rol não é lá muito nobre. Lembra-me agora que a ninguem é licito desvendar o sigillo do coração alheio...

—Conheces o movimento ondulante do mar crespo? inquirio-me o Benjamim.

—Se conheço...

—Orapois: olha para aquelle par...
—Que é aquillo? é maxixe?

—Não; é mazurka. A ondulação do mar faz-nos tontos, não é verdade? Pois bem; dize-me lá se ha espirito que se não estonteie com aquelles meneios sensuaes. A volupia acorda, numa superexcitação violenta e ardente, como a *chaleur de bête fauve*... E que me dizes, ó Epaminondas, sobre tudo isso que ahí se desdobra á nossa vista?

—Quasi nada; em materia choreographica, como em tudo mais, sou leigo. Dir-te-ei apenas que tudo isso é um ataque,—ataque franco, para quem quer vel-o,—á rabujenta sr. d. Moral. Mas como isto de moral é, hoje em dia, questão atirada á plana das cousas secundarias, acho que tudo isso—sabbat, lundú e quejandas cousas cottillonescas—é muito bom, inatacavel, e é, não simplesmente um appendix, mas um subrogado da educação...

Quando ás vezes, per desenfado, digo da dança o que Mafoma não disse do toucinho, saem uns tolos a encontrar-me com objecções dignas delles. A primeira cousa que allegam é que a dança é hygienica... Ora bolas para essa objecção! Que importa que seja physicamente hygienica, se não o é moralmente?...

E nisto despedi-me do meu caro Benjamim. Aquelle par... aquelle par... lá ficou dansando a mazurka, fazendo com o corpo meneios sensuaíssimos... como se aquillo fóra um maxixe... E vivam os bailes! Vivóóó!!

EPAMINONDAS

O duello

Já vae a moda pegando
Da estulta pendencia atroz.
O duello cá vem entrando:
Já vae a moda pegando...
Se isto assim vae continuando,
Não sei que será de nós!
Já vae a moda pegando
Da estulta pendencia atroz...

Jesrus

PIROLAS ⁽²¹⁾

Lubricidade

Quizera ser a sêrpe venenosa
Que dá-te medo e dá-te pezadellos
Para envolver-me, ó flor maravilhosa,
Nos flavos turbilhões dos teus cabellos.

Quizera ser a sêrpe velludosa
Para, enroscada em múltiplos novellos,
Saltar-te aos selos do fleição cheiroza
E babujar-te e depois mordêl-os...

Talvez que o sangue impuro e flamejante
Do teu languido corpo de bacchante,
Da languê ondulação de agnus do Rheno

Extranhamente se purificasse...
Pois que um veneno de aspide vorace
Deve ser morto com igual veneno...

CRUZ E SOUZA



Os nomes

Se o nome é uma voz com que se dão a conhecer as coisas, com certeza não é uma voz com que dêm a conhecer as pessoas.

Olhem que parece mesmo de propósito! Vontadar com um Cordeiro, já sei que me sahe um sujeito rispido e raivoso, travo conhecimento com Fulano de tal Leão, tenho quasi certeza de encontrar um cavalheiro tímido, macio, encastrado, suave nos modos.

Conheci um individuo por nome Cordeiro Leão, que tinha alma de pomba e coração de latão: em minha terra havia um Thomaz *Holt*, assassino de profissão, caudilho de uma tropa de bandidos, que saqueava as fazendas circumvisinhas.

Quasi todos os *Valentes* sentem frio nos intestinos a qualquer signal de alarma, e sei de um Sebastião *Bravo* que apanha constantemente surras da mulher sem reagir.

Quando me apresentaram o dr. *Rosado*, deparei um semblante côr de cera derretida. Ha dias sentei-me no bond junto de um individuo que tresandava escandalosamente a suores pouco odoríferos. Dahi a pedaço ouvi o companheiro tratál-o pelo nome. Chamava-se Flores.

O cabelo do sr. Jeronymo Penteadado, official de justiça, jamais viu pente; e o meu amigo Frederico Barbado tem o cuidado de escanhoñar o queixo todas as manhãs.

Desconfio sempre dos Benignos, dos Benedictos, dos Bemvenutos e dos Bernardos; mas em compensa-

ção não me arreceio dos Crespos nem dos Espinheiros, que quasi sempre são pessoas tratáveis

Os Bastos, que parecom bastos, quasi sempre são delgados e espi-gadinhos; e quanto aos Santos, conheço alguns levados dos diabos. Prazeres é nome de preto velho da Bahia, armador de defuntos.

Recebi ha tempos o cartão de um homem que precisava fallar-me.

No cartão escripto *F. M. Palmeira Ayrosa Junior*. Fui procural-o, e pelo appellido de Palmeira Ayrosa esperava encontrar um sujeito alto, airoso, elegante. Pois sahiu-me uma pipa.

Quanto as mulheres, é a mesma coisa. Toda Clara é morena, toda Margarida é preta, e as Angelicas são ás vezes diabolicas. As Candidas são mães dos filhos da Candinha; as Virginias e Purezas pululam em certos recantos, onde se dá tanta importância á pureza virginal como um cocheiro do tilbury á *Divina Comedia*.

URBANO DUARTE



Aos aspirantes do matrimonio

Todo o aspirante ao matrimonio pode encontrar, procurando bem, uma esposa cujo nome symbolize a ideia ou predicado que mais se harmonize com as suas predilecções, tendencias ou occupações, e que sirva de correctivo aos seus defeitos, ou de satisfação ás suas aspirações...

Assim temos:

D. Constanca—para o cinmento
D. Esperanca—para o descorçoado

D. Graça—para o semsaborão

D. Generosa—para o magnanimo

D. Candida—para o ingenuo

D. Dulce—para o guloso

D. Soledade—para o melancólico

D. Fausta—para o ostentoso

D. Prudencia—para o exaltado

D. Regina—para o aulico

D. Justa—para um espirito recto

D. Clemencia de Jesus ou *D. Innocencia dos Anjos*—para um coração bondoso

D. Barbara—para o que aspira á ventura superlativa

D. Placida—para o pacato

D. Doadata ou *D. Benedicta*—para o mystico

D. Urbana—para o homem polido

D. Felicidade—para o infeliz
D. Felicissima—para o que aspira á ventura superlativa

D. Felisbella—para o que deseja felicidade e formosura

D. Felismina—para o que prefere felicidade e formosura

D. Gloria—para o ambicioso

D. Victoria—para o guerreiro

D. Romana—para o catholico apostolico

D. Peregrina—para o devoto de N. S. de Lourdes

D. Escholastica—para o theologo

D. Ascenção—para o aeronauta

D. Sara—para o enfermo

D. Mai cella—sua enfermidade for do estomago

D. Beatriz ou D. Clara—para o que não sympathiza com as morenas

D. Magna ou *D. Maxima*—para o que não gosta de senhoras pequenas

D. Senhora—para o que não gosta de senhoras grandes

D. Preciosa—para o que é apaixonado por objectos de alto valor

D. Perpetua—para o que tem horror á viuvez

D. Virginia—para o fumador de fumo americano

D. Adela—para o negociante de roupas usadas

D. Martha—para o apreciador de pelles finas

D. Ema—para o colleccionador de aves pernaltas

D. Aurora Celeste—para o que aprecia os quadros deslumbrantes da natureza

D. Alexandrina—para o que tem predilecção pelos versos de 42 syllabas

D. Rosa, D. Hortencia ou *D. Adela*—para o amante de floricultura

D. Lucia Lima—para o que prefere as flores ás plantas aromaticas

D. Valeriana Silvestre—para o que preferir a estas as plantas medicinaes.

Finalmente para aquelle a quem o regresso da esposa ao lar domestico é sempre motivo de alegria—*D. Bemvinda* e para aquelle que só deseja vel-a pelas costas—*D. Ida*.



Photo-Jumelle

15

Aspecto—Fantoches mexicano.
Profissão—Dançar valsas.
Dizias—Tudo pelo celibato.

BUENO

16

Aspecto—Gigantinho barbado.
Profissão—Andar a cavallo.
Dizias—Tudo pelas «Violetas».

EGGENSHO

SONETOS (10)

Porque?

Porque não vens? Esquece taes loucuras;
Não penses em vingança...Vingativa
Não deves ser; ai! poupa estas torturas.
E, para mim, sê meiga e compassiva.

Porque te mostrarás assim ativa,
E soffrer tu farás as amarguras
Mais cruéis, mais injustas á captiva
Alma, que soffre tantas desventuras?

Pois não bastam as multiplas desditas
Da minha negra sorte? Era preciso
Ainda tantas desgraças vir soffrer!

Esquece, já te disse, para cessitas
Em trazer-me o consolo que eu preciso,
E em teos braços fazer-me viver?

— MARTINS



Voluvel

Voluvel! Achas, então, que sou
voluvel porque, de quando em
quando, olho outras mulheres? Não.
Ariella, não sou voluvel como dizes;
olho-as com o grande orgulho de
um triumphado, vendo-as desfilar
pencidas. Examinando-as, analisando-as,
cheguei a convicção de que
sou o mais feliz dos homens porque
sou amado pela mais bella das mu-
lheres.

Como queres tu que eu prefira ao
olho dos teus olhares, como queres
tu que eu prefira a tua bocca immacu-
la, a dos sem lume das que mo
não conhecem, bocca por onde têm
viado tantos beijos e onde tem
oasis tanto labio?

Como queres que eu te esqueça
por outra se és minha, Ariella, in-
teiramente minha como minha alma
é tua e para sempre tua?

Voluvel, sim, Minha alma é volu-
vel porque nunca está commigo: vou
encontral-a sempre — ou nos teus
olhos ou nos teus cabellos, volteando
voluvel e fremente em busca de
tua alma, no adyto do teu coração.

Voluvel porque vario de hora em
hora. O amor, no meu coração, sóbe
como a luz do dia, cada vez mais
ardente e mais impetuoso.

Voluvel, sim, porque o meu amor
não pára. A culpa é tua, que me en-
louqueceste e me fazes andar de
sonho em sonho, ou da esperança
para o desespero e outras vezes,
amor, minha Ariella, do desespero
para a esperança!

COELHO NETTO.

Carnaval

Reina Momo; Phrynes e Magdaianas,
No festivo salão illuminado,
Esvaçoando quizes gentis phalenas
Mostram o lindo collo aveludado

Terpsichores eburneas e morenas
Levantam do decoro o cortinado,
E desenrolam impudicas scenas
Num gostoso can-can desenfreado.

Dando Evohé nos filhas de Platão,
Os mascarados percorrem o salão,
Beijando falsas Vênus de saiotos.

E os orgiacos num brinde sensual,
Quebrando as finas taças de crystal,
Bebem champagne em labios de cocóttas.

(EXT.)



De Dominó

(C. Coritibano)

Este anno não prestou o carna-
val... Digo não prestou porque o
meu sympathico mascarado de todos
os annos, não figurou nas feéricas
festas ao tal Momo...

Conhecem-o? Nem eu...

Distingo-o apenas pelas vestes
originaes: Rômpa de antiagem artis-
ticamente decorada á graxa de car-
roça; fraíjas de papel na altura
dos joelhos; mascara, da mesma
fazenda, mãos e pés nus, tambem
retocados artisticamente, de um
gosto orientalesco e selvagem... Na
mão esquerda, presos por um cordel
pende uma meia duzia de nossos
mais bellos sapos á guisa de caran-
gueijos... Os pobres sapuceos de
olhos esbugalhados são então offe-
recidos ao publico por carangueijos!
Desaforo! Eis o meu typo, o meu
querido mascarado que este anno
não deo-me a honra de apreciar-o
devidamente...

O meo urso tambem não appare-
ceo. Quem sabe morreo?! Quem
sabe não encontrou barbas de pão,
pois as nossas mattas já estão se
affastando da cidade?!

Pobre urso! Constitua a minha
alegria vel-o roncar, dançar, pu-
chado por italiano ou turco que gri-
tava: Eh! la Maria! ao som de um
pandeiro. E o pobre imitador do
urso compenetrava-se de tal forma
de seo difficil papel que muitas ve-
zes dormia vestido ao peso terrivel
de uma póre.

Cansado de esperar em vão os
meos mascarados, quando já me
dispunha a convidar o Tito para uma
goleação, surgiu no canto do Club
Coritibano um palhaço de violão em

punho. Ah! disse eu. Póde ser que
ainda venha. Esperemos.

— Esperemos o que? Perguntou-
me o Tito.

— Eu te conto. Todos os annos,
forçosamente hei-de ver um freguez,
á marinheiro, guisos no cabeção,
mascara de arame e gaita veia de-
baixo do braço senão não me consi-
dero divertido.

— Ora pouco! Exclama o Tito. Vá
cacetear o diabo!

Finalmente restava-me ainda a
noite. Poderia ser que no Coritibano
encontrasse, não os meus saudosos
mascarados, mas *aquelles* que não
perdem *visa* durante o carnaval.
Mas qual! Estava mesmo caipora!
Nem o Camillo St, nem o Pedro
Aronca, (o Lucio quasi faltou) nem
B. Carrão, nem o Stresser (Lucidio e
e Leocadio tambem quasi que falta-
ram) nem Nhosinho, nem Augusto
Loureiro, nem, nem... lá estavam
para consolar meo coração.

E, si não fora um mascara que
á começo não promettia grande
coisa, dizer em fasete fanhoso ao
Liberato:

— Então, Dr., como vão os bonds?
O senhor é um homem do diabo,
esperto como ninguem, pois conse-
guio collar o Colle!!!

— Bravos, exclama o Dario. Dou-
te 6 mozes para outra equal... eu não
me consolaria mais...

Proximo á meia noite o J. Gaert-
ner convidou-me para uma cerve-
jinha e diz-me zangado:

— Isto é demais! Quasi meia noite
e a banda do 13 sem tomar um copo
de cerveja nem mastigar um pastel!
Desde as 4 horas!! Nem agoa ao
menos!!! Alegaram que não havia
balde!!!

E o que fizeste em prol de tua
gente?

— Fui lá e fiz ver a quem competia
que musico não era de ferro e nem
folles...

— E depois?

— Mandaram um pastel p'ra cada
um!!!

— Oh!!

— E' verdade:

— Então Prosit!...

Ao toque de *mascaras á baixo*
muita gente a paisano corou e al-
guns procuraram desafivellar qual-
quer coisa, mesmo sem corar...

O Serginho de Abreu não concor-
dava com o Abreu. Dizia aquelle
que o mascara podia sahir incognito
no momento do *toque* e ninguem
poderia obrigar-o ao contrario.

—Perdão, amigo. Mas segundo o Jeronymo, *dura lex et legis...*

—Oh Dario, que significa aquelle emblema que traz aquella moça no chapéo de Napoleão: Uma colher e um garfo em forma de cruz? Será representação da gastronomia? Pergunta o Benjamim muito serio.

—Eu te explico. Como o Grupo dos arriscadores vae sorprehender as suas sacerdotisas com uma opi-para ceia á meia noite, a previdencia mandou que aquella senhorita viesse munida dos aprestos necessarios para...

—Mas falta a faca, interrompeo o Pessoinha que ouvia interessadissimo o dialogo...

— Pois então meos velhos não continuo mais. Consultem aos medicos que te explicarão melhor...

Amanhã tem mais...

ZÊ.



Um eclipse !

(Phantasia)

Em outros tempos, a estrella que tão piamente me evocava o que de mais ditoso commigo eu encerrava, essa era teu semblante.

Assim, febril, eu vagava com meu pensamento pelas regiões alem, onde o maior é tido como infinitamente pequeno. Enquanto que me parecia de ver teu amor comprimir o illimitado em um canto do infinito: — tão grandes eram elle e a minha imaginação!

Que de recordações não inspiram aquelles breves colloquios, quando, sentados no gramal, narravamos nossos infortunios e riamos de nossas alegrias com a ingenuidade de um amor que não pode existir mais do que uma vez.

Era então que entrevia em teu semblante esse astro guiador da minha existencia; então, cheio de attractivos.

Mas oh desolação! morreste... Tua luz não vejo mais no céu. Vives, entretanto, e resplendes ainda em meu peito.

Tua luz não se extingue; apenas ficou eclipsado pelo espirito das trevas. Breve, porém, espero tornar-te a ver... lá onde vives; lá, na mansão celeste....

ESTHER GUIMARÃES

Chromos

Entremos nas officinas,
O lar da Industria, o trabalho,
Onde atê frageis meninas,
Encontram bello agazalho.

Esta, picando um retalho,
Faz um pendão de cravinas,
Aquella, tambem de um talho,
Começa um par de botinas.

A' mesa trabalham umas
Em palha, cabelo e plumas,
Com invejavel afaiz;

Invade todo o recinto
Que a largos traços eu pinto,
A grande luz da manhã!

B. LOPES



Tiro ao alvo...

O «Carnavel» já se foi embora,
Já se foi embora o «Carnaval»
E muita gente que hoje chora
Diz que é por elle, mas não é tal!

Esses que choram, choram os cobres
Que então gastaram nas serpentinas
E nos confettis... rapazes pobres
Engrossadores só das meninas.

Não arrependo de ter jogado
Confetti, brancos em profusão!
E certo é que agora ando quebrado...
Gastei nas festas *meio tostão!*...

Dei trez combates co'as «Violetas»
Co'aquellas flores encantadoras,
E uma dellas me fez caretas,
Mas que caretas provocadoras!...

Eu tambem combati valentemente
Com as gentis senhoritas do «Bouquet»
E me orgulho em dizer alegremente
Que venci os combates... e porque?...

Porque eu estava bem municiado,
(Eu não me engrosso não, caro leitor!)
Meio tostão de confetti?... que puntado!...
Fui por isto, amiguinhos, vencedor!

Os baldes estiveram deslumbrantes,
Muitas meninas bellas e faceiras,
Phantasias de gosto, ridentes,
E algumas tambem mui corriqueiras!...

Esteve tudo muito bom... porém
A minha *musa* inda anda na folia
E como agora não vem
Dar a estes vossos um pouco d'harmonia

Eu vou findando aqui... mas dão licença
P'ra contar uma cousa?... Não! não digo!...

Então escute lá a cousa mimosa:
«E' que eu tirei um confetti do... umbigo»!...

PLUTÃO

P. S.

Que nos combates fez muito feio
Foi o tal grupo d'arriscadores
Que combateu com um kilo e meio
Só de confettis, caros leitores!

P.

FOLHINHAS

Um velho estava ao meu lado no café... O criado, depois de lhe ter descripto todos os pratos, perguntou-lhe o que desejava:

—O que eu desejava, disse o velho, o que eu desejava...era ter um desejo!

Era a velhice, esse pobre velho!

Num baile de mascaras:

— Então, Julia, conheceste-me pelo bater do coração?

— Pois sim! Conheci-te pelas pernas tortas.

Cumulo

O cumulo de nemia:

Não ter forças para levantar um brinde.

Que tal?

A respeito de criados:

— Este José não é mau criado, mas todo cuidado, tanto que vou despedil-o.

— Porque?

Ha dous mezes que ando a pedir água para lavar os pés e elle nada de novo.

O que fez?

— Tire p'ra lá a pistola!
Tenha juizo, senhor!
— Hei de varar-lhe a *cachola*
Com uma bala! que horror!
Mas que fiz eu, desgraçado...
P'ra voce me assassinar?
— O que fez?! Deu-me emprestado,
Dinheiro para me casar!

Modelo dos cocheiros

Acha que seu patrão, o visconde de C... sabe poucas veses de carro e observa-lhe.

— Ha mais de uma semana que V. Ex. sabe a pé... e os animaes na cavaliça de braços crusados!

Duelo

Calino é ferido em um duelo:
— Que é isso? diz alguém, tu, uma espada valente, com o braço ao peito?

— Que queres? as probabilidades não eram iguaes,

— ? ? ?
— Não estavamos a igual distancia um do outro.